

TÂNIA DU BOIS



**INSTANTÂNEOS
COTIDIANOS**

Tânia Du Bois

retorna ao cotidiano
que nos surpreende em instantâneos e
nos fazem viver diariamente como se
fosse a inteireza da vida. Dos intervalos,
da intolerância, das invasões, das
intenções. Aspectos em que a Autora
transita com a naturalidade de quem –
pela convivência – sabe do amanhecer,
das apostas na família, dos contratem-
pos, dos corações quebrados. Tanto o
confinamento como o circo são tempos
de escolhas, mesmo que a fadiga não
permita, hoje, o tempo da escolha, nem
flexionar o tempo. O futuro, escreve
Tânia, transita pela história traduzindo
nossa abstrata humanidade: somos
iguais, diz ela, mesmo nos momentos de
turbulência, nos aplausos, no acaso, no
papel de mãe. Trata das questões com
que re-vista as respostas e as reações na
busca sedenta pelos resultados.
Transborda, em nós, suas surpresas,
mesmo na tangência com que o tempo
de semeadura nos faz vizinhos e
verdade. Traz nos seus Instantâneos
cotidianos nossa obrigatória leitura,
para nos fazer pessoas melhores.

Vale a pena!

Pedro Du Bois
Poeta

INSTANTÂNEOS COTIDIANOS

Tânia Du Bois

crônicas

1ª edição

setembro / 2020



Capa, diagramação e ilustrações: Tânia Du Bois
Desenho da capa: Pedro Du Bois /2019
Foto da ilustração página 07: Júlia Du Bois / 2017
Revisão: Pedro Du Bois
Editor: Ricardo Costa Guiraud

**IRMÃO GUIRAUD PRODUÇÕES
GRÁFICA E EDITORA**

CNPJ: 76.690.643/0001-76

CONHEÇA NOSSA EDITORA EM: www.edicaopordemanda.com.br



**Sobrevivemos ao cotidiano, onde escondemos
nossas inconfessadas misérias.**

SUMÁRIO

Amanhecer	09
Apostar na Família	11
Amanhã será Tarde	13
Amanhecer II	15
Bom Comportamento	16
Contratempo	17
Cenas Desagradáveis	19
Convivência	21
Coração Quebrado	23
Confinamento	25
Circo	26
Dois	27
Detalhes	29
Disfarces	31
Despedida	33
Existência	35
É Tempo de Escolher	37
Fadiga	39
Foco Essencial	40
Flexibilidade do Tempo	41
Futuro	43
História	45
Hoje, não!	47
Humanidade Abstrata	49
Intervalos	51
Intolerância	52
Invasão	53
Intenção	55

Iguais	57
Jogo da Vida II	59
Momentos de Turbulência	61
Minha Tarde	63
Nuvens	65
O Acaso	67
Os Aplausos	68
O papel de Mãe	69
O Segredo das Rendas	71
Perdão	73
Passado no Presente	74
Perfumes	75
Parênteses	77
Questões	79
Re-vista	81
Respostas	83
Reações	85
Resultado	87
Sede	89
Sedução do Nome	91
Sem pé, nem Cabeça	93
Transbordar	95
Surpresa!	96
Tangência	99
Tempo de Semeadura	101
Vizinhos	102
Vida Peão	103
Vira Tempo	105
Verdade	107



INSTANTÂNEOS COTIDIANOS

AMANHECER

Ao acordar, o dia se apresenta de diferentes formas. O que me chama atenção é que os problemas ou as queixa se repetem. Mesmo com idade avançada, ela tem preocupação com a aparência e com o que os outros dirão, ainda, se seu penteado está bonito.

Será que, após tantos anos, ela não aprendeu ser o bem estar a maneira mais bonita de se apresentar no dia a dia? Que amar e ser amada é tudo o que precisamos para acordar bem? Cláudia Kalafatás reflete, “... *Está tudo errado e tu não me crês! / Há um sorriso meu / que nunca encontrou teu espelho...*”.

Por vezes, canso só de pensar em acordar no amanhã. Em outras, em convidá-la para passear. São problemas inexistentes para mim que, para ela, alcança o ápice existencial. Ela transforma qualquer situação em dia problemático. Em Maura Soares, “... *na ciranda do tempo / levamos nossas vidas / com o tempo a nos cobrar alegrias / e também dissabores...*”.

É impossível construir alguma relação valiosa com ela, que não valoriza a saúde, nem a vida confortável e sem sofrimento. Sua alma carrega tormentos fúteis, o que a faz esquecer que a beleza está em acordar sorridente e brindar a todos com seu alegre “*bom-dia!*”.

Estou falando do óbvio, em situação que nós brasileiros enfrentamos; em nosso país não há perspectiva

favorável para os idosos, nem existem políticas públicas eficientes para lhes oferecer condições satisfatórias de vida. Pior, não há cultura familiar sobre a importância de suas vidas para os descendentes. Nas palavras de Francisco Alvim, *“Todo velho fica assim / meio / Ah nem sei como fica / E não fica / Um velho não fica”*.

APOSTAR NA FAMÍLIA

Insisto em questionar por que as pessoas não tratam os familiares como tratam os amigos, com respeito, tolerância e dedicação. Aturamos e compreendemos as reações e posições dos amigos e não temos as mesmas atitudes para com os familiares. Helena Rotta de Camargo questiona, *“Os humanos gastam a existência tentando montar quebra-cabeças. Por que têm de ser tão complicadas as relações sanguínea e afetiva?”*.

Simplesmente, todos dizem que “família não escolhemos, amigos sim”. No mínimo é engraçado – lembra-me a tatuagem em que se escolhe o desenho para o corpo que, porém, atinge a camada superficial da pele e sua durabilidade, não sendo bem feita, é menor e artificial o resultado, representando mero enfeite. Adorno que, por vezes, é feito num lugar do corpo que a própria pessoa não consegue enxergar. Tal em Orides Fontela, *“... fatos / são pedras duras. // Não há como fugir...”*.

Quero dizer que no resultado a percepção real não é absorvida e nem demonstra sentimento. No entanto, é possível revelar carinhos para os familiares, na hora que quisermos, desde que com sinceridade e os devidos cuidados, para não os afastar da nossa vida. Também nas palavras de Orides Fontela, *“... Podemos sofrer / podemos viver / o acontecer...”*.

Quando oferecemos a nossa atenção com emoção, apostamos na família para fortalecer no cotidiano e recuperar o perdido gesto de ternura. Luiz Coronel revela, *“... Venha o sol / ou a chuva, / o mundo com seus desagrvos, / o que importa / é chegar a tempo / com o ingresso do cinema, / um poema, / um ramallete de cravos...”*.

A família, necessariamente, precisa ser cuidada e irrigada como as plantas. Ser considerada todos os dias. É necessário ser ouvinte, retribuir as gentilezas e dividir os momentos difíceis. Ao ponderarmos sobre pontos de vista diversificados, estamos conversando sobre o assunto e suas ramificações. Chamo isto de convivência. É como são realizadas as conquistas através do nosso reposicionamento ante os atos da família; ainda, garante a nossa aposta para o equilíbrio no viver.

AMANHÃ SERÁ TARDE

Amanhã será tarde. Venha agora para juntos sonharmos as sombras das árvores. Sérgio Vaz revela, *“A primeira vez / que te vi / só consegui / falar teu nome / porque / não te beijei / com a boca / e sim, com os olhos”*.

Amanhã será tarde. Venha depressa para juntos esperarmos o Sol se por. Sérgio Vaz reflete, *“No silêncio da noite, um grito. // No grito da noite, o silêncio”*.

Amanhã será tarde. Venha logo, estou esperando para vermos a rosa se abrir e a Banda do Chico Buarque passar.

Amanhã será tarde. Venha hoje que estou a sua espera, antes do tempo das rugas, do cansaço e da lucidez do dia. Sérgio Vaz ressalta, *“... sorria / para delírio das sombras / espalhadas pelo vento / ao longo do caminho...”*.

Amanhã será tarde. Venha dividir o meu lamento e me dar respostas. Segundo Sérgio, *“Era um atacante medíocre. / Vivia na zaga, / defendendo-se das críticas”*.

Amanhã será tarde. Venha enquanto as romãs estão em minhas mãos onde escondo o meu segredo e guardo o seu medo.

Amanhã será tarde. Venha que a luz acaba no desprezo pela incerteza aberta pela promessa. Com em Vaz, *“No final do arco-íris / tem um pote de ouro / No começo, um tolo”*.

Amanhã será tarde. Venha já que estou perdida, cortei-me no livro e na boca fechados. Sérgio expressa, *“Não há palavras / e o vento / segue seu curso sem envelhecer...”*.

Amanhã será tarde. Venha logo, pois preciso soltar o cão.

Amanhã será tarde. Venha hoje, o fruto nos aguarda enquanto minha vida se esvai. Vaz ressalta, *“eu planto o trigo / para colher o pão. / Sou pássaro / que recusa migalhas”*.

Amanhã será tarde. Venha rápido para o encontro que acaricia nossos sentidos e machucaduras. Venha logo para alcançarmos a grandeza do amor, as alegrias e para fugir da alienação e do esmagamento individual. Sei serem raros os encontros para apontar e desmascarar a vida cortante e opressiva, pela carga emotiva que carregamos. Sérgio Vaz expressa, *“Sua ausência não me tira a fome, / mas a sua presença / aumenta meu apetite”*.

AMANHECER II

Reconheço que o sonho está em nossas mãos, mesmo que a máquina do mundo seja cega. O que ontem foi importante, hoje está prestes a ser desfeito. De qualquer forma está amanhecendo. Rosalia de Castro expressa, “... *Ergue-te minha amiga, / que já cantam os galos do dia! / Ergue-te minha amada, / porque o vento muge como uma vaca!*”.

Lastimável passarmos por tanta dor e incertezas ao viver o pacto que nos consome. Somos âncoras de julgamento entre o passado e o futuro que será de ilusões. De qualquer forma já está amanhecendo. Nas palavras de Virgílio López Lumos, “*a vida sem perfil vai nos mostrando, / e o tempo sábio tempo nos consome...*”.

Tenho fragilidades que se evidenciam quando perdemos os direitos e recebendo ordens autoritárias. Tenho medo de desejar, pois, atualmente é proibido pensar além; porque temos que nos preocupar em provar nossa competência e ter jogo de cintura para sobrevivermos. De qualquer forma já está amanhecendo e, para Rosalia de Castro, “... *não posso viver contente, / que aonde quer que eu vá, / cobre-me uma sombra espessa...*”.

Vivo em difíceis dias; sinto-me culpada, faço ajustes nos desafios diários. É intolerável a quebra das regras, que embute a falta de justiça. Não tenho porque comemorar o amanhecer.

BOM COMPORTAMENTO

Neste país onde o mais alto dirigente, frente às câmaras de televisão e aos jornalistas, nega o bom comportamento e despreza as boas maneiras, fica claro que precisamos lembrar as regras da boa educação.

O bom comportamento é exercido naturalmente por todos: o sorriso significa o mesmo em qualquer parte do planeta; saber ouvir e responder com educação está em falta por aqui. A verdadeira gentileza é pensar no outro antes de pensar em si mesmo. Márcio Catunda questiona: *“Quem vem desfazer o mal feito?”*.

Este é o momento para conviver educadamente com o próximo e de tratá-lo bem, como forma para evitarmos o caos. Quando somos gentis o outro se sente especial, o que o faz minorar a solidão em que habita, por conta das restrições atuais. Como escreve Márcio Catunda, *Meus amigos são dois mendigos que pedem pouco. //... São gentis, aproximam-se com delicadeza, / não são como esses ditadores.../ São alegres, sabem sorrir...”*.

Na crise em que estamos vivendo a gentileza e o bom comportamento são pequenos gestos que nos valorizam e nos levam a acreditar que o dinheiro não é tudo. Nas palavras de Vergílio Alberto Vieira, *“... Que a vida então vivida não merece / O que o destino muda a cada hora / Que passa, sempre que o império empece”*.

CONTRATEMPO

Rasgo o dia de ontem, reviro o de hoje e tento voltar ao amanhã.

A vida é via de mão dupla onde retrato o cotidiano que, por vezes, se apresenta de forma intimista.

Contratempo são as palavras de Juremir Machado da Silva, no romance – repostagem *A Prisioneira Do Castelinho do Alto da Bronze*.

Contratempo é não compartilhar os sentidos versado na imaginação. É pensar que somos mera engenharia de objetos humanos. É refletir sobre a importância das ações, atualmente.

Contratempo escreve Manuel Scorza, na obra *A Dança Imóvel*, misturando discussões políticas e literárias no mundo dos exilados. É tratar do viver como desencontro da literatura com a filosofia. É dar e receber *feedback* pelo comportamento essencial das pessoas. É degustação dos rótulos de vinhos. É ir além das impressões nas confissões. É a eterna busca da felicidade.

Contratempo é o romance de Autran Dourado, *Ópera dos Mortos*, em que ele constrói o retrato na sensação de existir nas grandezas e misérias da família e da cidade.

O tempo conta a história que nos envolve e mostra como é possível transformar os dias sem deixar para trás a mudança; conjunto com diversas frentes de opiniões e

receptividade, que revelamos no tempo oportuno de manifestações, como vitrine. Ao mesmo tempo em que procuramos a paz em todos os lugares apesar dos contratempos.

CENAS DESAGRADÁVEIS

Kandinski dizia que *“não procuro, encontro”*; o povo diz que *“quem procura acha”*.

Parece fácil procurar o simples e o diferente e sem encontrar a rejeição. É natural valorizar e potencializar a capacidade de cada um. Em Alejandra Pizarnik, *“se me atrevo / a olhar e a dizer / é por sua sombra / unida... / ao meu nome”*.

Parece fácil esquecer a realidade. Quem me dera pudesse esquecer e não conhecer os atos e fatos. O errado e o incerto que encontro na palavra fluída inesgotavelmente como *“leite azedo”* e *“cheiro de ranço”*.

Parece fácil o viver reduzido ao voto e encontrar a indispensável vantagem como molde da queda.

Parece fácil procurar autenticidade e encontrar o logro ácido que atinge as camadas mais profundas da nossa pele.

Parece fácil procurar a bondade nos relacionamentos; tenho a sensação de que estão comprando os meus amigos.

Parece fácil dizer que não quero saber das bobagens que dizem ao povo, sobre as injustiças e o nepotismo praticado. Noel Rosa revela, *“Perto de você me calo / Tudo penso e nada falo / Tenho medo de chorar...”*.

Parece fácil procurar a igualdade e encontrar desempregados sem fundo de garantia e agora, pagando

impostos sobre as férias. Alejandra Pizarnik retrata, *“Alguém entra no silêncio e me abandona”*.

Parece fácil começar o dia sem proveito, nem glória, totalmente absorvido ao nada e ao medo. Nas palavras de Pizarnik, *“Do combate com as palavras ocultame / e apaga o furor de meu corpo elementar”*.

Parece fácil encontrar o desprezo e o desdenho por parte da hipocrisia; procuro a paz no cotidiano.

Difícil é encontrar pessoas satisfeitas, demonstrando bem estar, enquanto sobrevivem de esmolas. Encontro em Ary Barroso e Lamartine Babo, *“... Do olhar triste e profundo / Um moreno conta as mágoas / Tendo os olhos rasos d’água...”*.

Difícil é estar no rés do chão e saber que não haver vozes suficientes para ouvir meu grito de horror. Zé Miguel Wisnik questiona, *“Se meu mundo cair //... caia por cima de mim: / quem vai se machucar // ou surfar sobre a dor / até o fim?...”*.

Difícil é viver nas margens das mágoas, mentiras e injustiças nas sombras da (des)confiança; assistir pessoas sem esperança correr para as salas de jogos. Zé Miguel Wisnik revela, *“... Se meu mundo cair / eu que aprenda a levar”*.

Pior é que vamos vivendo no que *parece fácil*, porque usamos máscaras e, sem disfarces, apenas encontramos cenas desagradáveis.

CONVIVÊNCIA

Choro a agonia, choro a felicidade; sei que o convívio foi vencido, mas, arruinou o meu caminho, sobre o qual não posso dizer, com acerto, que tenha fim. Nicanor Parra reflete, “... *As cartas por jogar / são somente duas: / O presente e o dia de amanhã*”.

Nesse momento vejo tudo ao contrário, como diz o ditado: “de pernas para o ar”. O que realmente importa é fugir do tempo ocioso e procurar maneiras para compor o meu cotidiano.

Choro por quem gosto e por quem conhece o por do sol. A distância me faz sentir a doçura do coração, as flores do jardim e o quanto somos fortes para vivenciar novas situações que, na verdade, gostaria de encontrar na minha rotina. Para Parra, “... *O ontem é ontem / Pertence a nós apenas na memória: / A uma rosa que já se desfolhou / Não se pode arrancar outra pétala...*”.

Diariamente somos nós por todos, então, podemos simplificar as impressões presentes para descobrir o valor da convivência. Nicanor Parra reflete, “... *que o presente não existe / Senão na medida em que se torna passado / E já passou...*”.

Choro por me desprender dos sentidos ao me alertar do quanto penso diferente num ambiente em que nós, os iguais, somos o desastre. Penso que a convivência em nossa sociedade capitalista serve apenas para calcular

a sensibilidade dos que choram lágrimas de crocodilo. Por isto, choro a felicidade de estar viva mesmo que na agonia do viver. Nicanor Parra retrata, no poema *Os Vícios do Mundo Moderno*, " *Os vícios do mundo moderno: //... As discriminações raciais, / O extermínio dos peles-vermelhas, Os truques da alta bancada. //... O comércio clandestino de brancas... // Os amigos pessoais de sua excelência, / O abuso de entorpecentes e da filosofia, // O autoerotismo e a maldade sexual / O endeusamento do falo. // A ânsia desmedida pelo poder e pelo lucro, A corrida do ouro. //... O vício da festa, do cigarro, dos jogos...".*

CORAÇÃO QUEBRADO

Numa entrevista literária ouvi a avó contar que seu neto estava com o “coração quebrado”, pela saudade da mãe. Ivaldino Tasca revela que *“Às vezes o coração fala por nós. Não raro o espírito que em nós habita sente imperiosa necessidade de dizer alguma coisa...”*.

Entre momentos alegres e tristes as crianças sentem e se expressam de forma própria. Isto nos possibilita refletir como a ruptura e a adaptação à nova vida se dá quando menos esperamos.

As mudanças vêm e com elas as fases e crises, que podem ser chance para agirmos conforme as necessidades e os desejos; em outras, encontramos a oportunidade de analisarmos o cotidiano sob circunstâncias desafiadoras.

Com o “coração quebrado” nos sentimos desmotivados para captar, resolver e demonstrar os sentimentos que nos levam ao conforto. Mas, o importante é que somos livres para conversar, respeitando a opinião e a vontade do outro. Nas palavras de Alberto Antônio Rebonatto, *“... Amar é sobreviver...// Tão isento de maldade / Que todo o bem do mundo / se submete a sua vontade”*.

Sofrer faz parte do crescimento e também leva a aprender lidar com os próprios sentimentos. É necessário encontrar a maneira de tratar o sentido para fazer bom uso em benefício próprio.

Vivenciar o “coração quebrado” permite prestar atenção a nossa volta. E, perceber a sincronicidade dos fatos na compreensão dos atos. Ainda em Rebonatto, “... *amar é satisfazer / Nosso coração sedento...*”.

CONFINAMENTO

Este é o momento em que as mudanças são perceptíveis e os cuidados se encontram nas medidas regulamentadas.

Hoje precisamos controlar a nossa inquietude, dentro de casa, em prol da saúde. Necessário nos confinar para sobreviver à pandemia.

Sou da opinião de que da dor podemos colher as forças para nossa preparação, reflexão necessária sobre o estrondo mundial.

O medo estará sempre presente nesses dias, tomando conta das nossas horas; precisamos evitar que a obsessão nos desencontre do que nos compete em cuidados. Neste ponto, conhecer a pandemia, do ponto de vista médico-científico, ajuda-nos a ter tranquilidade para seguir em frente.

O segredo está na maturidade, para resolver as questões do confinamento, como, não reclamar e procurar atividades de que gostemos para amenizar a passagem dos dias. Ficarmos incomodados não resolve e nem ajudará a passar o tempo.

Estamos todos na mesma “casa” em que o ideal é focar na solução e tentarmos nos manter felizes.

CIRCO

Está armado o circo cárcere, fantasiado de pandemia: teatro, cilada, jaula, absurdos, sofrimentos, palavras vãs e trapezistas sem rede de proteção.

Em nosso país temos um dominador irracional e desequilibrado que salta como trapezista na irrealdade, vive em cima da linha de falsidade e percorre os dias contrariando a verdade dos atos, o risco da contaminação, os perigos para a saúde de todos. Encontro em Zami Pesci, *“Corpo que pede corpo / Ser sem ser nada /... Sem encanto / Dominado pelo desencanto /... Sem risos / Sem alma /... Ser usado / Sem amanhã /... Sem memória / Sem sentimento / Totalmente nulo”*. .

Não é aplaudido sob a lona circense, pois instala o caos enredado no luto, mesmo que na arquibancada esteja apenas o ser com o nome de Corona19 a se relacionar com todos.

DOIS

Qual a importância do número dois em nossas vidas? Este número requer a dupla e o casal, para proclamar o triunfo da forma sobre a função? Ou seria a forma da beleza como o sorriso ou a função como o companheirismo? Sempre há alguma segunda opinião.

Em cada dia acolho intensas cores para disputar a forma de viver a função do cotidiano, onde o meu grito é a segunda opção como suspiro. Como canta Elis Regina, na música de Aldir Blanc e João Bosco, *“Sentindo o frio / Em minha alma / Te convidei prá dançar / A tua voz me acalmava / São dois prá lá / Dois prá cá...”*.

Cada momento é possibilidade para me perder duas vezes na sombra sem reflexo, encontrar duas amigas trocando segredos, dois pássaros sobrevoando o topo das nuvens e, em dois momentos, desprender-me em brumas trazidas pela brisa. Como retrata Mário Cesariny, *“... Dois pica paus querelam, muito entusiasmados: / que a ditadura dura que não dura / a dita sita dura-dura desdita!...”*.

Pontualmente, duas flores representam os versos do poeta entre dois pontos. Mesmo que o contrassenso poético exista de forma a ser considerado sem função, ainda assim, há sensibilidade no reinício do caminho e a pretensão como espera, para não vivermos na solidão.

Segundo Mário Cesariny, “... *dois e dois quatro a quem bem queira ouvi-lo...*”.

Conjuntos fazem parte da nossa vida diária, em dois sentidos: forma e função, sim e não, dia e noite, doce e amargo, alto e baixo; quase tudo de quase nada: beijo e abraço. Mário Cesariny completa, “... *que suporta e separa / e contem os dois mundos / e ondula*”.

DETALHES

Com olhar observador, enxergo os detalhes nas obras de arte, como construção adequada às normas que regem a determinação, para estabelecer o sinal de conhecimento. Como Luigi Pirandello (1867-1936) escritor e dramaturgo, autor da peça *Assim é, se lhe parece*, ganhador do Prêmio Nobel da Literatura, em 1934.

Os detalhes revelam a fidelidade do artista e reproduzem, no objeto, o sinal de persistência para colocar na criação os elementos de ornamentação da peça.

Sustento e saliento a obra artística, quando alinho as formas e uso a razão para conduzir e resgatar as imagens na construção da nossa história. Como Paulo Siqueira (1949-1996), na estátua que representa o gaúcho e simboliza o *Cancioneiro Teixeira*, em Passo Fundo (RS).

Dialogo com os detalhes e percebo a razão construtiva, como se me pertencesse por fazer parte do meu cotidiano. Saliento as estátuas em que encontro paradoxos, por não compreender se foram produzidas com interesses temperados pela desrazão.

Quanto mais detalhes há no objeto, mais entendo a intersecção entre correntes estabelecidas, que trazem a significação na visualidade escolhida pelo artista e pela sua complexidade, para interagir com as minhas manifestações em apropriações que, por vezes, muito se aproxima da

realidade. É o caso da escultura *Sala de Aula*, homenagem feita pelo arquiteto Ivar De Cesaro ao professor Ernesto Tochetto, concretizada na Praça que leva seu nome, em Passo Fundo (RS).

Cada detalhe, em cada peça, caracteriza os procedimentos que se manifestaram como transição na trajetória do artista, mesmo sendo considerada apenas uma fase. Tais marcas são suficientes para propagar motivos para validar a peça, como impulso para honrar o futuro. Lembro o *Monumento da Mãe Preta*, obra de Paulo e Lucienne Ruchel (1964), em Passo Fundo (RS): na placa consta o pensamento de Lucina Ronchi, *“Meu filho! Contemplo a amplitude do mundo por onde vais caminhar, porém meu amor profundo, sempre há de acompanhar”*.

DISFARCES

Sobrevivo ao tempo no constante ataque dos disfarces à intelectualidade. Vejo a imperdoável censura determinando seus interesses e usando disfarces nos debates políticos, na liberdade sexual e nas artes em geral. Tudo está confuso entre a verdade e a ilusão. Márcio Almeida questiona, *“Pode-se exercitar uma crítica focada não em quem diz, mas em quem ouve?/ Interessada não nos processos de saber dizer, mas nos de ser capaz de fazer ouvir?...”*.

Chamar de censura é *brincadeira*, porque só repreende quem vai contra seus interesses e, assim, muitas obras já nascem dentro de profunda contração e contradição, o que não acontece com as que se relacionam com os atuais detentores do poder.

Como manter a serenidade ante os disfarces? Convicções e incertezas caminham disfarçadas afetando como nos comportamos e produzimos no cotidiano, que muda de acordo com a visão individual do autor/artista, afetando o sentimento coletivo. Márcio Almeida reflete, *“... Devo silenciar a respeito, ou devo falar? / Quem está enganando quem?...”*.

Relevante dizer que o disfarce na lei e ordem é oportunista e populista; visa aumentar a popularidade de *ocasião*, gerando controvérsia e confusão para a verdade e a ilusão. Como retrata Márcio A., *“... até aí, tudo bem, são*

coisas do povo. / Quando a ciência pulsa sem sua causa mentis, / pós-monstros chegam a ética do novo / e o real começa onde acaba o non sense”.

Tais disfarces nos levam ao âmago do furacão das mudanças, sendo difícil saber quais as intenções, consequências e valores culturais, sociais, políticos, religiosos e literários em que estão embutidos. A quem interessa cercear e mascarar as atividades? Onde está a verdade? Irene Lisboa responde, “... Gostava em oposição com a braveza do / jogo da pedrada, do tal ataque às / coisas certas e negadas... / Gostava de escrever com o fio de água. / Um fio que nada traçasse. / Fino e sem cor, medroso...”.

DESPEDIDA

Não costumo ir embora sem antes me despedir. Para mim, ato normal e atitude fácil. Quando termino alguma atividade é natural ir embora – ficam as lembranças, porque é preciso continuar vivendo e se renovando em novas perspectivas; como em Lindolf Bell, *“Menos que meu sonho não posso ser”*.

Então, por que a despedida é tão difícil de ser compreendida? Na vida há mistura de talento e disposição para o aprendizado; paciência e confiança para conviver com a dor da lembrança. Cândido F. Ferreira retrata, *“... Poderia cantar, / se o nó na garganta / Não me tapasse o canto... // Partiu sem olhar para trás em busca do sonho”*.

As ligações pessoais e afetivas no meu viver estão cada vez mais distantes; nos dias atuais é difícil permanecer, mesmo que queira, num mesmo quadrante do mundo. Portanto é melhor enfrentar a realidade do que me lastimar com a ausência do filho. Ainda em Cândido, *“... Poderia sorrir, / Se as marcas da dor / Não dominassem minh'alma...”*

Afinal, sou capaz de encarar os novos tempos onde meu filho se despede e, depois, retorna feliz para me abraçar e contar seus feitos e os sonhos realizados.

Ao quebrar o paradigma da despedida, da dor, reinvento o momento e me mostro por inteira como o lado esperançoso; assim, posso encarar sem julgar ou criticar a

sua maneira de ser, para que ele continue retornando sem deixar no passado as lembranças. Como em Lindolf Bell, *“longe de mim / como a mais distante estrela. / Próxima de mim / em meus olhos (e coração) / que me permitem vê-la...”*

EXISTÊNCIA

No tempo em que tudo muda, precisamos evitar o esnobismo, as falsas notícias e apelarmos para que, desesperadamente, sejamos honestos e coerentes com a situação atual: a pandemia.

Situação que passa além do ponto necessário ao nosso bem estar, através do confinamento que inevitavelmente se estenderá, sem estimativa de prazo para ser encerrado. Nas palavras de Pedro Du Bois, *“O afastamento carrega dúvidas / inconstantes. O lamento / é a luz do encontro”*.

A verdade é dolorosa, mas contribui para encararmos a realidade ao demonstrarmos honestidade e dignidade em nossos atos, com controles sem preconceitos e desaforos, por exemplo, de que a culpa é dos idosos, o que não corresponde à verdade, pois, eles também são vítimas do vírus.

As informações variadas, díspares e contraditórias sobre a pandemia, geram confusões sobre o certo e o errado; só a verdade esclarece o perigo do Covid-19. Pedro Du Bois reflete, *“O sentido de estar: / obscuro / o inaudito / repassado em / lágrimas”*.

Não precisamos ser vítimas das nossas ambições e, sem buscar as melhores ações, visarmos apenas os lucros financeiros.

Em tempos de pandemia não devemos “emburrecer” com arranjos exibicionistas, nem dar ouvidos às mediocridades. Ainda para Pedro Du Bois, *“O inexistir da vida / nos olhos opacos / limitam a convergência. // Ideias distanciadas / em realidades”*.

Precisamos estar conectados com a gravidade do problema, concentrados em encontrar soluções para restabelecer a normalidade em nossas existências.

É TEMPO DE ESCOLHER

Destacamo-nos em diferentes áreas através das escolhas em que detalhamos o que e como queremos ser. É questão para sentir o nosso poder em fazer o que gostamos. Sei que escolhas não é linha reta e certa, mas, vale o nosso desejo de (re)construir. Como Hilda Hilst que, em seu tempo de escolhas, 1950, publicou por conta própria o seu primeiro livro de poemas, *Presságio*, com ilustrações de Darcy Penteado.

Para chegar à escolha certa é necessário experimentarmos e conhecermos de tudo um pouco, para podermos aproveitar o máximo. Assim, demonstramos que podemos assumir os desafios, adquirir autoconfiança e valorizar nossos pontos fortes; conquistamos espaço ao provarmos que não somos obstáculos para liderar nossas escolhas.

Investimos em habilidades específicas, agilidade na tomada de decisões e aprendemos a manter o sangue frio, para desafiar e atingir as expectativas e perspectivas. Ao nos comprometer com as escolhas, estamos nos identificando com o que combina conosco, para vivenciar a liberdade.

A escritora Hilda Hilst fez sua escolha, trocou a literatura *séria* pelo erotismo. Nas suas palavras: “*Vou fazer um livro pornográfico. Vou fazer uma coisa chocante que não vai ser um livro, vai ser uma banana*”; assim,

editou *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, com ilustrações de Millôr Fernandes.

Todos os dias, tomamos decisões e sempre pensamos ser pelas razões corretas. Buscamos encontrar em nós a história em que teremos a chance de escolher para sermos melhores. Com convicção, notamos que a sociedade está sempre em mudanças, mais rápidas, o que torna importante acompanharmos as decisões. Para o poeta Menotti Del Picchia, um dos fundadores do movimento modernista, *“Desde que nasceste não és mais que um voo no tempo. / Rumo do céu? / Que importa a rota. / Voa e canta enquanto resistirem as asas”*.

FADIGA

A fadiga é dor aguda que se repete em meus dias. Assemelha-se ao desinteresse pelas vozes que não escuto com entusiasmo e, mesmo assim, transformo em irritação.

Com fadiga sinto-me incapacitada para perceber o mundo como grito comum e, ao me manifestar pelo olhar, desfiguro o outro. Peter Handke, no livro *Para Uma Abordagem da Fadiga*, descreve os diferentes estados de fadiga.

A fadiga faz-me respirar fundo e refletir sobre o aprisionamento na correria diária, das tralhas e maus hábitos. No livro de Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, com subtítulo *Ensaio Sobre a Tristeza Brasileira*, originalmente publicado em 1928 e reeditado em 1997, traz que “*Os fenômenos de esgotamento não se limitam às funções sensoriais e negativas; estendem-se até o domínio da inteligência e dos sentimentos. Produzem no organismo perturbações somáticas e psíquicas, acompanhadas de uma profunda fadiga...*”.

Com fadiga não domino o sentimento de preenchimento e totalidade, pois, deixo de dar vozes às palavras e às imagens que, na minha visão, se transformam em meros de castelos de areia. Virgílio López Lemus questiona, “*(Ser de si mesmo seu dono, / e quem sonhou nesse sono / sonhará em arte maior?)*”.

FOCO ESSENCIAL

O que é realmente essencial na minha vida? Quais são as transformações provocadas pela minha experiência? Qual foi a última vez em que me senti feliz?

Tais questões são os planos que poderão se tornar realidade; são colocações que repito para administrar minhas perspectivas. Com certeza as mudanças ocorrem no *hoje* – aqui e agora - através das atitudes com que recupero meus valores, como o amor. Disse Eurípedes, “*O tempo dirá tudo à posteridade. / É um falador. Fala mesmo quando nada se pergunta*”.

O foco essencial é o tempo, em que me transformo e amadureço ao escutar as expressões do mundo, que respeito em suas conexões para cultivar o que quero que germine.

Sei que meu tempo é relíquia e não o perco com ações inúteis. Em tudo, preciso olhar em volta e prestar atenção no que acontece. Abro mão do que não quero, do que não me serve e do que não gosto para me direcionar a outras opções e percepções, como se tivesse a chance de viver mais e com precisão no foco essencial: dizer a verdade e ter sabedoria diante da vida, pois, como em Santo Agostinho, “*... O presente do passado é a memória, / o presente do presente é a percepção, / o presente do futuro é a expectativa*”.

FLEXIBILIDADE DO TEMPO

A grande questão na nossa realidade é a falta de tempo. Para conseguirmos leveza no cotidiano é fundamental ajustarmos a trajetória, valorizando os momentos prazerosos e organizando a rotina para o nosso bem estar.

Computar o tempo com horários flexíveis é estabelecer chances para construir o comportamento diante dos desafios; equilibrar a vida pessoal e profissional para alcançar o que toca o coração e o espírito. Em Jorge de Sena, *“... Tudo é possível / ainda quando lutamos, como devemos lutar por quanto nos pareça a liberdade e a justiça...”*.

Quem nunca deixou o filho em casa e foi trabalhar com o coração apertado? Foi promovido no trabalho deixando a família em segundo plano, ou gostaria de passar mais tempo em casa?

Com a flexibilidade do tempo é possível conviver com a família e fazer as escolhas sem pressa. Relaxar e não sofrer a angústia ao nos apressar para enfrentar os compromissos.

Viver as experiências por acreditar na ação e reação do que fazemos, que a vida não é novela televisiva e nem podemos adiar as emoções diárias.

Precisamos administrar o tempo do encantamento para, conforme caminheiros, cruzarmos as tristezas e as

alegrias. Necessário definir que caminho queremos seguir e que ritmo daremos para substituir a correria em que nos encontramos.

Flexibilizar o tempo significa mais satisfação no dia a dia. Nas palavras de António Gedeão, “... *Eles não sabem, nem sonham, / que o sonho comanda a vida. / Que sempre que o homem sonha / o mundo pula e avança...*”.

FUTURO

Já que as paredes não falam, nelas traço perfis: vazios em ventos contrários e a esperança em feridas abertas. Pedro Du Bois, expressa que *"... A ferida é o sangue / em sua permanência"*.

Sou da geração que traz o mundo virtual em cada cena diária, com intervenções pelo caminho e modos diferentes de encarar a vida.

Lido com os percalços na reconstrução do caminho, assumindo riscos ao expor minhas incertezas e fugir da persuasão. Inocêncio de Melo Filho declara, *" eu preciso de um caminho / Que mate a fome dos meus pés"*.

Sei que a ação é transformadora e enriquecedora para fortalecer as múltiplas vias nas trocas de ideias. Mas, a dificuldade está nas aflições atuais, quando a extravagância e a frustração pesam, pois, posso fazer melhor: optar por trilhar o meu caminho para o futuro, aguçando a imaginação e sonhando com a oportunidade de compartilhar o viver ao me surpreender com as pendências relativas ao bem estar, porque, em José Eduardo Degrazia, *"... Homem sou entre outros homens / na caminhada cega do destino..."*.

Do mesmo modo, vejo a questão tecnológica: basta um problema persistente para me afetar; preciso dominar para sentir satisfação pessoal; ressignificar a minha zona de conforto para reorganizar e avaliar as metas atingidas:

devir, construir. Degrazia revela, *“A árvore se transforma no vento, / ou no olhar de quem a inventa...”*.

Ao definir os desafios tecnológicos, desperto em mim o desejo de sentir a motivação para direcionar o meu olhar além das paredes, através dos ventos e mesmo das feridas, para alargar a visão do futuro e, em especial, sobrepujar as dúvidas e o medo trazidos pelas mudanças.

Estar na zona de conforto é vantajoso para encarar o futuro, além de mostrar como aproveitar melhor o caminho do viver.

HISTÓRIA

A história foca no vírus que está contracenando conosco diariamente. Diante da situação estamos confinados, mas podemos sincronizá-lo com os nossos desejos: primeiro, libertar-nos da ansiedade e do medo; segundo, inovarmos as horas para ajudar o próximo à distância; terceiro, recriarmos e revivermos as nossas histórias através dos sentimentos, lutas e inspirações. Como em Mário Faustino, “... *Sinto que o mês presente me assassina, / Há luto nas rosáceas desta aurora, / Há sinos de ironia em cada hora...*”.

Sempre que lembramos as histórias, vivenciamos a experiência em que assumimos o papel necessário, que nos faz refletir enquanto aguardamos o amanhã.

A nossa história se desenvolve através do diálogo, incluindo momentos que, às vezes, respondem as dúvidas em que nossos limites são testados e aumentam o nosso nível de poder para enfrentar o desafio do Covid-19. Mário Faustino traduz, “... *quero dar / Teu nome à dor sem nome deste dia / Sem sol, / céu sem furor, praia sem mar, / Escuma da alma à beira da agonia...*”.

Hoje a história se revela em cenário de noites numéricas de mortos e infectados. É assustador! Nossas mentes preenchidas com imagens e atitudes negativas, quase sem retorno.

Através da história, sabemos que nada é definitivo e a nós resta compreender e enfrentar a realidade, imprevisível em função de como será o amanhã. Também, para encontrarmos o sentido ao rever a maneira de encarar os desafios nos desdobramentos vivenciais ora devastados pela pandemia. Luciano Maia revela, “... Hoje, a razão me impede aquele dia. / Meu país era um nome, uma esperança...”.

HOJE, NÃO!

Bons tempos em que sobre o viver tínhamos respostas precisas, em que podíamos expressar nossas opiniões e éramos ouvidos. Hoje, não! Há o telefone celular.

Quando podíamos tomar banho no rio e colher os frutos das árvores e passeávamos à noite pelas ruas, conversando com os amigos. Hoje, não! Há risco de assaltos.

Bons tempos em que os colégios se preocupavam em transmitir conhecimento e cultura; o aluno só passava de ano se fosse competente. Hoje, não! O aluno é cliente que sempre tem razão.

Em que pronto socorro hospitalar servia ao público da cidade. Hoje, não! Pois, o que vale é a forma de pagamento.

Bons tempos em que podíamos confiar aos médicos nossas crianças. Hoje, não! Há o risco da pedofilia a nos assustar.

Para Pedro Du Bois, *“Lembro os planos futuros / ultrapassados / em presentes // transformados / em sonhos / do acordar diário / de necessidades”*.

Com estas reflexões constato que hoje não temos liberdade e nem espaço para nossas opiniões, atitudes e opções. Somos carentes de ouvintes. Como no poema de

Cleber Teixeira, *“De uma solidão de rua / À outra solidão de rua / a vida me encarcera”*.

É hora de repensar os hábitos e refletir sobre ontem para que o hoje nos transmita a certeza de que, pelo menos, podemos viver o essencial para procurar o ideal. Ruth Laus demonstra, *“Má companhia é toda aquela que tolhe a liberdade do outro, mesmo que seja em nome do amor”*.

Hoje, a mudança está na pressa e no foco, apenas comercial e financeiro. Vivemos na época em que os termos de sustentabilidade e responsabilidade são pouco conhecidos, e menos usados. Será que poderemos mudar como merecemos? Fernando Pessoa diz que *“Tenho hoje arrastado pela rua os pés e o grande cansaço”*.

Acredito na capacidade e dignidade das pessoas, que reflete a maneira como vivencio a atualidade; infelizmente não há justiça e nem garantia na aplicação dos nossos direitos e, assim, não percebemos os valores nesta fase de privações. Segundo Helena Rotta de Camargo, *“... tudo tem seu preço / nessa quermesse doida / de códigos indigestos...”*.

Justiça, ética e caráter são indispensáveis e insubstituíveis no processo da vida; são fundamentais para planejar o futuro e cuidar da independência com que nos tornamos livres para escolher e simplificar o viver, trazendo paz e harmonia aos dias de hoje.

HUMANIDADE ABSTRATA

Só o absurdo pode explicar a escolha da humanidade em competir e desvendar o abstrato no viver. Inocêncio de Melo Filho expressa, *“Da minha janela / Contemplo a rua e a noite úmida.../ Abro os olhos e percebo / Que o mundo jaz no meu quarto”*.

Só o absurdo pode explicar a lógica humana ao optar por ficar sem liberdade e se enterrar em abismos. Inocêncio de Melo Filho indaga, *“O que deseja um poeta? / Que a solidão seja provisória?...”*.

Só o absurdo pode explicar o que os seres humanos procuram e não querem encontrar para dar continuidade ao Ser. Lêdo Ivo declara, *“Onde há carne, há solidão”*.

Só o absurdo pode explicar o ser astuto ao enxergar o mundo em prazeres e não se espantar. Como em Inocêncio de Melo filho, *“A lua nos olha com piedade / E nos eterniza entre os mortais”*.

Só o absurdo pode explicar as bugigangas que são partes de nós quando ocultamos no espaço a nossa ignorância. Segundo Inocêncio de M. Filho, *“... Malditos filhos de Eva, / Desprovidos da graça de serem eternos...”*.

Só o absurdo pode explicar que, quando somos encobertos pelo abstrato, nada questionamos e nem respondemos. Inocêncio revela, *“Que fique na tua boca / O meu hálito fétido / como resposta / aos teus insultos...”*.

Só o absurdo pode explicar o nosso sonho, como poeta oculto e como herói com tempo para gemer, resolver, decifrar e medir as medidas da nossa própria loucura. Guilhermino Cesar reflete, *A falta de senso é o prumo do mundo.../ a falta de senso é o senso do mundo/ em qualquer falta de sentido.../ homem sem versos / o umbigo do nada...”*.

Somos a humanidade abstrata do mundo, onde oferecemos o jardim sem flores, casas sem teto, poemas sem mistérios e, ainda, esperamos a virada do avesso para podermos ver além do horizonte.

Nossa roda viva não desenrola a humanidade que permanece ausente das luzes e anda na sombra das curvas do abstrato. Nas palavras de Inocêncio de Melo Filho, *“O poeta envelhece / Entre os homens. / A morte não lhe é uma / Ideia absurda / É uma certeza que se impõe / todos os dias, / Tornando-se algoz indesejável...”*.

INTERVALOS

A noite é feita de intervalos em que escuto passos apressados na rua. Fico desenhando as imagens com a luz que atravessa as vidraças e reflete a sombra dos passantes.

São corpos esguios. O relógio bate o ritmo dos transeuntes, na ilusão de não serem esquecidos pelo tempo. Com Sérgio Napp temos que *“Em noites de lua cheia //... a vida transcorre / aos saltos...”*.

O tormento é saber que eles traçam perfis cruéis e são consumidos pela fadiga. Seus passos embalam sonhos sombrios e desatentos no intervalo revelado pela perspectiva entre o alumbramento e a mágoa. Sérgio Napp retrata, *“na sinaleira / o menino / tem olhar de entardecer...”*.

Não vejo em seus semblantes a alegria de viver, mas a agonia na luz que não revela seu clarão.

Escuto vozes silenciosas que me condenam por observar as sobras do mistério: andam nos intervalos das estações, onde seus pés encaminham a noite. Como em Sérgio Napp, *“... minha casa / medo angústia febre / noites que revelam quem sou...”*.

Imaginá-los me distrai, até escutar o vento pulsar suas dores e revelar suas rugas, como cicatrizes do tempo.

As noites são intervalos nas fragilidades que nos afligem e nos sonhos que nos prometem emoções.

INTOLERÂNCIA

Na diversidade encontro a intolerância usada para cercear os valores culturais. É incrível como algo qualquer pode ser modificado radicalmente pelo olhar do intolerável. Verdade ou mentira? Para Márcio Almeida, *“Não há escolha nesta troca de mentira, / a pressa corre e dá de cara com o perigo, / ninguém sabe se o que mata é fome ou tira, / se o que morre será mesmo inimigo?”*.

Neste sentido, a intolerância se torna vigorosa, quando expõe as crises de identidade da sociedade e a extensa história de instabilidade emocional: verdade ou mentira? Márcio Almeida indaga, *“De que é essa voz irritante que não identifica, / de antemão, suas câmaras de eco?”*.

Penso que a razão e a sensibilidade possam contestar os intoleráveis, através das variadas expressões literárias e livre discussão, como condição para avaliarmos o mundo político, social e econômico, para trazermos a tolerância à nossa realidade. Verdade ou Mentira?

Sinto-me enfeitizada para virar o jogo e fazer com que os intoleráveis enxerguem a verdade além das suas parcas, pobres e redundantes versões. Carlos Pessoa Rosa reflete, *“ao poema / ofereço a podridão da elite / quem sabe / depois de longa depuração estática / possa – o poeta - / transformá-la em algo ético”*.

INVASÃO

A vida me apresenta o absurdo e o irreal que fluem diariamente: sou invadida. Dentro da realidade encontro o *Ser* e o *não Ser*; prefiro pensar que o ser é existente enquanto tem voz. Ainda assim, sou invadida.

Manoel de Barros é exemplo clássico de quem invade o tempo: aos 90 anos, lançou *Memórias Inventadas: A Segunda Infância – entre prosa e poesia*.

Sonho seres que nascem e amam. Não tenho como particularizar o meu sonho na realidade: sofro invasão ao conviver. Quando passo pelo desagrado sinto falta da delicadeza. Aceito as desculpas, mas sou invadida pela repetição no dia a dia, como o mar que invade o quarto com seus sons.

Da janela escuto os pássaros com a certeza de que foi o vento quem os trouxe; crianças brincam na rua: invasão preferida.

Tenho a sensação de o tempo futuro ser hoje: sou invadida pela emoção de possuir do tempo no cheiro da grama cortada.

Antonio Poteiro invade as telas com cores e tons ao traçar, como arte primitiva ou ingênua, suas influências e os acontecimentos que o rodeavam. Dele destaco *A Constituinte – representante “dos constituintes ao povão”*, invadindo-nos com sua visão irônica do mundo.

Na multidão sinto-me pequena e, talvez pela falta de liberdade do ir e vir, quase não percebo a invasão do meu espaço.

A invasão é ação em movimento? Ou a existência do autoritarismo? Ser invadida é a essência do existir? Affonso Romano de Sant'Anna questiona, *“Quem? Há essa hora decide / o meu destino artístico / e político? -...”*.

INTENÇÃO

A intenção é princípio na liberdade, que pode fazer a diferença em nossos dias. Inovo por necessidade, ou seja, recrio para sair da mesmice e da rotina. Como revela Eduardo Alves da Costa, “... *Se não houver o que ver, / feche os olhos e relaxe / pois é dentro de você que está o panorama...*”.

Na vida o principal é a intenção contida na ação; é importante dar o melhor nas tarefas que executamos em cada instante do viver. Eduardo A. da Costa diz que, “... *dentro de ti algo te diz / que é preciso serenar o espírito... // Não pelo o que um dia sonhaste possuir / mas por algo maior...*”.

Na intenção plena não desperdiço a minha qualidade; passo valores que formam o bom caráter; transmito conceitos usando a razão e a emoção, como sinais de conforto.

Mais do que reconhecer os efeitos da intenção, direciono o olhar com coragem e ousadia para construir um mundo melhor e disseminar a paz. É maneira de me reconectar com o âmagô. Eduardo A. da Costa acrescenta, “*Em teu coração aferrolhado / fervem mil desejos; / são eles que te levam / a cada novo dia...*”.

A intenção revela a luz na nossa rotina, como equilíbrio essencial para diferenciarmos o bem do mal, na hora em que vemos a luminosidade que nos habita: *olhar*

com a alma. Nas palavras de Eduardo Alves da Costa, “Viva com alegria, assume teu destino / como um guerreiro soberano / Que a beleza seja teu guia e a esperança tua luz...”.

IGUAIS

Em Pedro Du Bois a criatividade do poeta se alia à originalidade do tema, como a arte que o caracteriza em *Iguais*, sua reflexão sobre a realidade em suas passagens que, em boa hora, torna-se acessível ao leitor.

Os poemas são traçados e retraçados diante dos olhos da igualdade entre os seres. O autor foi buscar nos *Iguais* a sua linha condutora: *“A igualdade é pressuposto das diferenças. Doentia / forma de desconhecimento. Arma / e arremesso. Corpo anteposto / ao dia anterior: juventude / e infância. Infâmia / concretada. // Iguais em si mesmos almejam / o dia da chegada. // E ainda não / foram até a porta”*.

A obra de Du Bois tem a ver com as observações sobre o que é social e o que dá à palavra a original pluralidade de seus significados. Descreve a problemática da igualdade *versus* desigualdade, como limites que separam o Ser e a verdade, e da aparência, como sombras da realidade, onde lemos que *“O mágico contraste: luzes e sombras / alternadas em sombras e luzes. // ... Somos iguais gritam as luzes / e as sombras me defendem / da indiferença”*.

A percepção de Pedro mostra as características da sociedade para o social e as diversas faces da realidade, que se mesclam em relações e mudanças. O autor lança luzes sobre a paisagem dos *Iguais*, com o propósito de

buscar ou esperar pelo direito da igualdade entre as pessoas. Aborda o tema como se fossem conversas sobre a destinação das ações e pensamentos em contínua reflexão sobre a pessoa no mundo; sobre o que fazer quando as luzes da razão iluminam os *Iguais* e, de alguma maneira, transmite ao leitor o mundo em nível de (des)igualdade, como criação, como faz notar, “... *Iguais em reconhecimentos / transfiguro a noite em luzes / refletidas na inconsolável perda / da pessoa amada. / Amo // o intervalo entre os dias / do instante despercebido*”.

A obra determina, através dos poemas, duas realizações: igualdade *versus* desigualdade, que são importantes e marcam a integração (e a interação) entre as pessoas, descrevendo de forma poderosa as dores do mundo.

Pedro traça um fio de esperança com a insistência em pensar *Iguais*; repensa o tempo como efeito projetado da história. Os poemas desvendam a igualdade como consciência, natureza e significado histórico na importância de revelar o pensamento e as questões em cada escolha, ao mesmo tempo e no tempo todo, além da realidade que nos cerca. As vítimas do cotidiano são referência constante, por ele vislumbradas em *Iguais*, como traço essencial da condição humana, porque escreve que, “*Igualado em temores sou a distração... // Habito a efemeridade na igualdade / da sobrevivência e da memória*”.

JOGO DA VIDA II

A vida se apresenta como baralho de cartas, em que os jogos da vida começam na distribuição de cartas marcadas com abraços e carinhos, grosserias e desrespeito, compreensão e incompreensão, verdade e mentiras, e tudo depende da forma como as distribuímos para fazer acontecer no seu tempo. Antônio Brasileiro reflete, “... *Compete-nos jogar a vida num ás / e dar as costas - qualquer / resultado é um mero resultado: se ganharmos...*”.

Somos temidos e precavidos, por isso escondemos cartas na manga; pedimos mais cartas para permanecermos no jogo da vida; damos as cartas na hora certa; encartamo-nos entre quatro paredes; lemos cartas para o futuro; descartamos as falsas possibilidades ao apostarmos nas cartas altas e colocamos as cartas na mesa para revelar a verdade. Como em Antônio Brasileiro, “(... *dias sem nenhum sossego / a verdade, eis que tecemos / com erros.*)”.

Não há jogadas iguais. Uma carta é diferente da outra e cada uma tem sua importância no jogo do viver. Admito não nos esquecermos de nos sentir provocadores pela revelação do raciocínio, na interpretação do que nos motiva. Antônio Brasileiro considera que “... *somos todos / da mesma cepa se vistos de binóculos. / Mas não somos os mesmos*”.

A dúvida é se neste mundo quem dá as cartas são os ricos ou os endinheirados?

Todo cuidado é pouco, pois, é preço muito alto a pagar pela nossa liberdade e independência em ideias e ideais. Digo que sentir as emoções do viver nos dá a forma exata de como queremos jogar as cartas da vida. Como diz Antônio Brasileiro, *"... Nada sou. / quase / ridículo, rascunho meus tremores / e angustinhas de bolso / no homem que almejo ser"*.

Reconheço não termos a necessidade de dar a última cartada e, sim, de reconhecer a função de cada um ao embaralhar as cartas. O importante é retratarmos as verdades do mundo. Ainda em Antônio Brasileiro, *"... Revejo a vida passada / e os planos do futuro - / mas fica sempre uma parte / no escuro..."*.

MOMENTOS DE TURBULÊNCIA

Indagar a memória permanentemente nos leva a disputar o presente e, por vezes, ignorar o passado, o que pode nos induzir traumas psicológicos. Uma coisa é recordar, outra é ser obrigada a lembrar das turbulências da vida.

Não somos joguetes no esplendor dos acontecimentos, mas, seres que disputam para descobrir quem foram e são. No livro de Rubem Fonseca, *O Selvagem da Ópera*, biografia de *Carlos Gomes*, o autor descreve alguns pontos obscuros da vida do famoso maestro e compositor: primeiro, a origem do compositor; segundo, a morte de sua mãe, esfaqueada quando Carlos Gomes era criança; terceiro, seu relacionamento de Carlos Gomes com as mulheres e, quarto, o desejo de sucesso e a ambição para enriquecer.

Momentos de turbulência é o presente, onde sofremos interferências da hipocrisia pelo comportamento no jogo político, como criação de figuras e valores distorcidos de ética, técnicas e justiça, sem contar a curta memória do brasileiro. Relembro, para recuperar o fôlego, o trabalho de Mário de Andrade, com sua emblemática obra, com a arte de *Macunaíma*.

A questão do presente é que não nos lembramos de tamanhos desafios absurdos e fracassos, como continuidade, mas, como pesadelo. Vivemos onde tudo é

permitido, reinventado para matar, reprogramado a não discutir: momentos de turbulência onde a expectativa e a perspectiva transforma o nosso futuro em sombras, sem fôlego para a recuperação da memória. Como Hannah Arendt, em *Origens do Totalitarismo*, em que descreve o mal do poder absoluto.

MINHA TARDE

Debruçada na tarde observo as pessoas correndo mais do que sopra o vento, traçando seus destinos no tempo da dor e decepção. Correm na fúria do dia, ferindo-se nas pedras e derrubando as muralhas em desespero? Estão se acertando para os momentos conturbados do cotidiano? Umberto Eco, na obra *Entre a Mentira e a Ironia*, escreve sobre quem “*procura falsos sinais e evoca os mentirosos de agora...*”.

As pessoas demonstram que há algo errado em seus passos rápidos; escuto lamentos como instantâneos vincos tramando contra a maré, em que cada um se reinventa no ritmo da tarde, onde o sol, pela janela, ilumina o vazio. Elas estão à procura da verdade? Faulkner, em *O Som e a Fúria*, expõe “... *O som desesperado e denso de todo o sofrimento do mundo que há sob o sol*”.

Vejo pessoas com medo e magoadas. A mágoa serve para (re)abrir feridas. Em seus rostos há sombras. Dizem estar ansiosas por novas perspectivas.

Sei que a culpa não é do tempo que não corrói a cicatriz e nem expande o ódio. Lembro-me de Lima Barreto, no livro *O Cemitério dos Vivos*, de rara riqueza humana, com reflexões sobre as mazelas sociais, “... *Que inimigo da nossa espécie é esse que se compraz em nos rebaixar?...*”.

Reconstruo a tarde nas escolhas que moldo para buscar a verdade, a compreensão e o amor ao caminhar além dos desafios diários.

NUVENS

Andar de avião é passear entre as nuvens sem a necessidade de conceito, apenas admirando a natureza.

O mar espalha as nuvens refletindo a paisagem colorida.

Em meus muitos anos, sinto-me flutuando nas nuvens da felicidade, quando olho para as netas e nelas vejo o futuro.

Para Helena Rotta de Camargo, “... *o sonho em virar nuvem, / para voar também / vestida de algodão, / na cauda de um cometa...*”.

Dizemos que alguém *está nas nuvens* – isto é, está feliz e sonhando pelo desejo realizado.

Crianças comem algodão doce e dizem estar com as nuvens nas mãos.

Artistas plásticos pintam o céu com nuvens de todas as cores e, aqui, saliento Ivan Freitas.

Escritores pensam as nuvens como desejo no tempo e espaço, como demonstra Mário Cesariny, “*As linhas dos carros / aerodinâmicas / a nuvem cinzenta / por cima de mim*”.

Nos *quadrinhos de Calvin e Haroldo* sempre há nuvens pretas.

Biólogos conceituam as nuvens como vapor elevado da terra; o especialista na área meteorológica é o Dr. Gilberto Cunha, com os livros *Meteorologia Fatos e*

Mitos - 2 e 3. No capítulo Os Idiotas e o Aquecimento Global, diz que “Na comunidade científica, quando o assunto é aquecimento global e suas possíveis mudanças climáticas, há muitos pontos de convergência e algumas controvérsias. Por exemplo, que “... o tão falado aquecimento do planeta é inevitável, caso a concentração dos gases de estufa na atmosfera continue aumentando. O grande questionamento é quando estas mudanças serão efetivamente percebidas e qual sua magnitude provável...”.

Atualmente, nuvem virou depósito de dados cibernéticos, referência tecnológica: *nuvem arquivo*, como digo; é fantástico!

Percebo no passar do tempo mudanças em que conceitos mudam rapidamente. Sem sustos, encontro a palavra *nuvem* como prova constante de não desistirmos nos períodos de sombra e, ao mesmo tempo, ficarmos atentos à *nuvem da memória*.

De outro lado, vejo as nuvens como algo leve que é carregada pelo vento que, no entanto, pesa em nossas vidas em diferentes e importantes significados, para o nosso bem estar.

O ACASO

O acaso: notícias, eco das vozes, paisagens, fronteiras, sentimentos: o sucesso imprevisto me afeta pelas circunstâncias em que me encontro. Em outras palavras, busco por realizações ao viver e procuro não manter muita distância entre o presente e o futuro. Quando o acaso vem ao meu encontro, entendo as mudanças como existência. Nas palavras de Carlos Sarno, *“A vida é muito curta./ Não tenho tempo de ser imparcial”*.

Valorizo o acaso como bom modo para me concentrar no momento presente em que na casualidade algo é alcançado, trazendo a felicidade ou não nas coisas mais simples: como encontrar a amiga na cafeteria, por acaso; dobrar a esquina e encontrar quem faz meu coração feliz. José Enrique Barreiro expressa que *“no jogo da vida, a surpresa aposta. //... Está cravada aqui, na cruz da nossa mão, / a linha do destino...”*.

O acaso é interessante, porque nada espero e tudo poderá acontecer resumido pela casualidade; também pode ser o caminho que me aproxima do sentimento da felicidade, ou não. Encontro no livro *O Mapa do Acaso* de José Henrique Barreiro, *“... a vida nos levou o grande plano / e não quisemos mais ouvir o seu conselho; //... É o puro caos aleatório, é o acaso / tudo o que pulsa e respira à nossa frente...”*.

OS APLAUSOS

O aplauso é manifestação em reconhecimento ao objetivo para ajustar o nosso foco interior; com valor intrínseco, faz-nos sentir conectados à vida: desfrutamos das escolhas na aceitação do que nos trás paz e alegria.

Através do aplauso encontramos a satisfação pessoal, individual e intransferível. Não há fórmula que funcione para todos; aplaudimos o ato marcante nas artes, ideias e em alguém como Juan Gelman, no livro *Isso*, em que retrata o *“mundo // da rosa que amo / como cuidarei? / não lhe faço mal? / não a estrago? / não lhe corto os pés?...”*.

Aplaudimos a verdade, como agora aplaudimos os profissionais da saúde em reconhecimento ao trabalho no combate ao vírus que nos atormenta.

Aplaudimos quando envelhecemos, com o corpo e a mente equilibrados e lúcidos; quando não sofremos em busca da serenidade. Nas palavras de Juan Gelman, *“temos pés para irmos / para não irmos / ninguém nos pede nada / nós pedimos / nos abraçamos / ficamos...”*.

Aplaudimos quando nos sentimos satisfeitos, fosse a felicidade compreendida em que nos revelamos; quer dizer, que precisamos buscar o estilo de vida que nos faça sentido, como aplaudirmos as ocasiões que revivemos nos amanheceres.

O PAPEL DE MÃE

Júlio Cortázar escreveu que *“Não é possível que estejamos aqui para não poder ser”*. Pensamento que se aplica ao que ouvi, outro dia, no elevador: *“como posso ter mãe a vida inteira e, ao mesmo tempo, não tê-la ao meu lado como mãe”*, julgamento que pode ser cruel quando não é entendido no todo.

A regra é clara, o papel de mãe é o de se envolver com a maternidade, diariamente; é agitar a rotina com as expectativas dos filhos; é criar vínculo entre mãe e filho, naturalmente e com empatia, porque é fundamental para o relacionamento.

A maternidade é, e sempre será, tema para discussões e visões equivocadas. É risco para seguir com as próprias vidas. Muitas vezes, temos medo de errar, de não dar conta do nosso papel e de não sabermos atender aos questionamentos. Somos levadas pelas emoções e o mundo é confuso e extremista que, por vezes, nos torna reféns do crescimento dos filhos. Encontro na coletânea de contos de Mia Couto, *Cada Homem é uma Raça*, *“... a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens...”*.

Vivemos momentos de transformações sociais e tentamos compreender as mudanças, isto é, a independência e a dependência paradoxalmente

praticadas – talvez lentamente – no caminho da igualdade, respeito e justiça.

É difícil compreender como o filho chega a pensar que a sua mãe não está ao seu lado, não está conectada a sua vida.

Cada filho precisa encontrar o seu caminho e respeitar os limites da sua mãe no viver, pois, nela há uma vida construída com outros valores e experiências. Não podemos decidir pelo filho e nem o expor durante a vida. Mario Vargas Llosa, em *Os Filhotes*, demonstra com seu realismo o simbolismo social retratado nos conflitos, individualidades e contradições da sociedade.

Na vida perfeita a idealização, que envolve o papel de mãe e a maternidade, está longe de ser algo simples e fácil. A realidade se mostra diferenciada, com nossa devida importância, para realinhar o desafio do papel de mãe em algo prazeroso. Seria mais fácil se, no lugar de julgamentos, o filho conversasse com a sua mãe para expor suas razões nas relações e comportamentos diários.

O SEGREDO DAS RENDAS

Não há como falar das rendas sem lembrar a sedução, intimidade, charme e a beleza para entrar em cena e brilhar.

O segredo é que estou preparada para a ocasião: primeiro, protejo-me das surpresas; segundo, intercalo as rendas com finalidades diferentes para evitar danos ao meu viver; terceiro, cuido na escolha, para que seja de acordo com a minha sensibilidade e vontade.

Encontro no livro de Fernando Py, *Vozes Do Corpo*, poemas que *“sustentam uma visão-de-mundo de que o sexo-e-amor é uma das faces... da vida”*.

As rendas fazem parte da personalidade e, naturalmente, lidamos com as emoções como impulso confessional com que demonstramos as possibilidades eróticas. Elas nos deixam mais femininas e são marcantes como os perfumes. Pele com pele e olhos nos olhos. Para Py, *“... O amor sem restrições ou rigidez / liberta-se no anel da mútua posse, //... buscam a ambígua integração, / entrega...”*.

O segredo das rendas está no gosto e sofisticação para o equilíbrio, com o aroma de jasmim e mel, no romance que consagrado à flor de laranjeira, na inspiração da exuberante flor de maracujá, na diversão que se enquadra na fragrância floral e na sensual combinação de amor com rosas, na cor que harmoniza o tom da nossa

pele, na lembrança dos momentos despidos em liberdade e consciência para amarmos e sermos amadas. Nas palavras de Fernando Py, “... o amor, fervendo, / realiza o sonho: já despontam músculos e pele, cheiros, cores e transtornam, e essas vozes do corpo já se exalam...”.

Nas rendas encontramos a melhor versão de nós mesmas, porque sentindo que fazem a diferença ficamos confiantes com a aparência, o que é essencial para nos envolver em abraços e beijos, sem esconder a alegria do encontro e do viver.

PERDÃO

Perdoa-me por me manter distante das minhas falas na sombra do passado, da minha alergia ao camarão, de comer todas as cerejas e de respirar preocupações.

Sou apenas a vizinha sem importância, que olha para trás e sente falta da música e da dança que tirava o meu fôlego e me trazia alegria. Vivo buscando iguais direitos para os aborrecimentos diários e para romper as amarras com este mundo intimista. Sérgio Queiroz de Medeiros questiona, “... *como lembrar / todas as águas / que se afastaram?*”.

Perdoa-me se lhe ofendo ao excluí-lo de meu círculo de conversas, que alimentam a alma e revelam as ruínas em que estou soterrada. Ontem, disfarcei-me de frágil. Hoje, faço de conta que a mentira se veste de verdade. Sérgio de Medeiros retrata, “*construo um casulo / com as mais belas letras. / Nele dorme, agora, / Uma triste borboleta*”.

Perdoa-me por temer a velhice enquanto suas vicissitudes de homem certo me faz sentir culpada, por não ter seu bom senso no convívio social. Nas palavras de Sérgio de Medeiros, “*Se houver, / cada mulher, / num ímpeto egoísta, / pede que seu homem / tenha a carta certa...*”.

Não há saída, posso apenas me assemelhar às sombras e viver no que me resta de ilusão. Perdoa-me.

PASSADO no PRESENTE

Encontro o passado no presente ou é apenas ilusão? Esta conjunção assumiria o nosso ritmo de vida? Os resultados do passado vão além dos limites do presente? Herberto Helder revela, “... *Posso mudar a arquitetura de uma palavra. / Fazer explodir o descido coração das coisas. //... Eu posso modificar-me...*”.

Sei que a vida não são apenas flores e as questões decorrem do nosso ritmo de vida. Respondo com cuidado, para a emoção não falar mais alto do que a razão, o que revela o meu desejo e, por vezes, desvia-me da verdade. Como em Herberto Helder, “... *eu penso mudar estes campos deitados, criar / um nome para as coisas... / e fazer com que as poeiras ressuscitassem...*”.

Refiro-me ao passado no presente, em relação ao tempo nas suas vicissitudes e contrapontos; avalio as mudanças e aprendo a revelar minha força, paixão e o amor em momentos de recriação.

Em outros tempos reaparecem as lembranças das histórias, quando o passado se demonstra na importância do presente. Importância em que me atenho aos sentimentos e gestos, como momento ideal atentar aos detalhes da vida; hora de rever as responsabilidades, honras e conquistas em que o viver acontece em ritmo incentivador. Retomo o rumo confortável, onde o passado provoca renovações no presente.

PERFUMES

A ideia é aproveitar a fragrância para adicionar graça à rotina. O perfume é forma de colocar a imaginação a experimentar novidades com prazer, com certa dose de coragem. Encontro no livro *Em Alguma Parte Alguma*, vencedor do Prêmio Moacyr Scliar de Literatura, poesia 2011, de Ferreira Gullar, “... *cheiro de jasmim? // mas / como dizê-lo / se a fala não tem cheiro? ///... por isso que / embora sem dizê-lo / falo: / do cheiro do cabelo...*”.

O fator surpresa deixa o dia após dia com curiosidade, que perfumes marcam nossas presenças em qualquer lugar; fazem referências ao nosso gosto e multiplicam as versões do nosso Ser, como em Maria Lúcia Alvim, “*O cheiro dela / Invirtiu no ar*”.

O perfume é combinação perfeita de fragrâncias associadas a nossa personalidade; só o desejo junto com a imaginação é suficiente para instigar os sentidos e despertar o poder da elegância e da atração. Maria L. Alvim declara, “... *apalpam no ar as tenras partes / Em lufadas de espinho e magnólia*”.

O uso de perfumes inspira histórias que apimentam o cotidiano ao revelar nossas escolhas como ato único e individual; somos diferentes uns dos outros, quando no constante movimento de ideias e opções, para o nosso bem estar. Nas palavras de Maria Lúcia Alvim, “... *pois bem sei que ando consumida / mas por desejos que são vida*”.

Cada um busca diferentes fragrâncias na escolha do perfume para haver satisfação, misto de simplicidade e sofisticação para o dia a dia na determinação e renovação que nos faz feliz. Para Ferreira Gullar, *“me invade as ventas / no limite do veneno //... o que é isto um cheiro? / quem o faz? / a flor e eu?...”*.

PARÊNTESES

Brinco com as palavras ao colocar no meu viver os parênteses, como essência e reflexão, junto ao estilo que exala os sentidos. Como em Pedro Du Bois, *“Poderia ser a vida em parênteses / explicando os teores ocultos / do desplante: mentir explicações / contando elementos na imagem / modulada no limite do esgarçamento...”*.

O parênteses mostra e explica o que está por trás do tempo. É quando me refiro à primavera sem flores, ou sinto o perfume e imagino o meu jardim colorido. Também, revela no olhar distante de quem passa na minha contramão; contradição para conceituar e argumentar sobre o silêncio, pois, não há modo discreto no sustentar a verdade. Nas palavras de Pedro Du Bois, *“A injusta paga pelo meu / repetir incontestemente. Mesmices / adaptadas ao infortúnio. //... em parênteses decorro algaravias. / Em mesas dispostas ao reviver / solicito vícios sem amanheceres...”*.

Entre parênteses encontro as palavras em grau de exigência frente às respostas; como olhar para o espelho que não reflete o sofrimento e sim as cicatrizes, como etiquetas em dose extra de emoção.

Gosto de brincar com a expressividade para enfatizar o conhecimento, com o objetivo de me guiar na diferenciação dos argumentos, o que me conscientiza para a rotina onde há parênteses, quando procuro a fruta na

árvore seca, imagem que revela o tempo em que impacta a vida.

As palavras e os ritmos do viver pesam na escolha, quando fico à mercê das opiniões, ao interpretar os parênteses. Como em Max Martins, *“Outrora eu te escrevia / oásis / Raso fosso de vozes / entre parênteses / (eu-tu) tu) (eu / nós // Palavras...”*.

Seguindo o vento, abro as janelas e as portas para desvelar o tempo e apreciar as cores do horizonte como disfarce, para entender que o elogio é o que vem entre parênteses. (Fecha parênteses). Ainda em Pedro Du Bois, *“Meu ofício se resume / a lembrar o desfeito / em cada camada. Acomodar / o relato em letras / amiadadas dos fatos //... Encerrar frases e fechar // parênteses”*.

QUESTÕES

Estamos vivendo um momento, simbolicamente, difícil, marcado pelo Covic-19. Gastamos tanto tempo nos cuidando e ouvindo sobre a pandemia, que nos esquecemos de refletir sobre outras questões do viver.

Os percalços são nossos conhecidos, pois estamos suportando a força bruta quando se referem às mortes, como se as pessoas fossem cartas descartáveis. Quem tem coragem de desmascarar a ostentação do mal?

A tristeza é a nossa atual paisagem, está rodeada por desgraças e tragédias com proporções abomináveis. Quem tem coragem de acreditar nesta humanidade desvairada?

Outros se preocupam apenas com o financeiro, com o comércio fechado sem dar valor aos gritos dos cadáveres armazenados. Quem tem coragem de produzir a nossa própria desgraça?

Na melhor das hipóteses sempre seremos os perdedores, pois somos manipulados por enganadores que não dão espaço para as vozes dos profissionais da saúde. Quem tem coragem de dizer, a quem interessa, de que não somos uma máquina de matar?

A cada notícia, a cada minuto, o Covic-19 mata pessoas. Os competitivos transformam o tempo de vida em abstrato, em dinheiro enquanto os parentes dos

mortos saboreiam a solidão e a dor. Quem tem coragem de levar ao tribunal tais controvérsias?

Por que temos que nos submeter a este paradoxo e a estas insanas e insaciáveis mentes?

RE-VISTA

Lendo online o exemplar da revista, percebo incontáveis razões para a que ela seja re-vista.

Os temas abordados fogem do contexto real, com os problemas e ameaças que sofremos no cotidiano. Discutir como agir diante deles faz parte do viver sem nos entregar, nem perder as esperanças de um mundo melhor.

A revista não mostra as nossas conquistas, nem o nosso lugar no mundo. Apenas revela a vida das celebridades, em versões assustadoras do Ser e o alto preço para viver. Como em Ferreira Gullar, *“Não saiu notícia em jornal algum / Foi apenas a morte de um homem comum”*.

Tão irreal que perco o fôlego ao pensar que as pessoas acreditam no que leem. Ferreira Gullar alerta, *“E porque ninguém notificou o fato / fazemos aqui este breve relato”*.

Vivemos tempos de turbulência, violência e desrespeito para com o próximo; como nos tranquilizar lendo que devemos confiar nas leis dos homens, que nem sempre são cumpridas pelas próprias autoridades? A vida é curta para não usufruirmos da verdade. Gullar revela, *“Volto do trabalho, a noite em meio, / fatigado de mentiras”*.

Quem se importa com as notícias que desrespeitam os nossos direitos? Quem conhece os mestres das artes e

letras? Quais as histórias que contaremos aos netos? Quantas dores suportamos diariamente? Por que somos discriminados por esta sociedade? Quando aparecerá nas revistas o bom senso, a ética e a veracidade dos atos? Quando leremos sobre a tempestade que estamos vivendo?

A razão das questões é a linha editorial, que só defende interesses negociais, como a reportagem *“comer juntos alimenta a felicidade”*. Seria felicidade se o povo tivesse comida à mesa: como escreveram, *“Não há questão cotidiana que resista a uma conversa aquecida por um prato caseiro”*. É a campanha daquele refrigerante: *“Os valores que a refeição em família pode trazer”*. A que famílias exatamente se referem? Necessário proporcionar educação ao povo, para valorizar as suas vidas.

Só aprendemos vivenciando o cotidiano e a realidade mostra as dificuldades da população pela falta de educação, condições e informações corretas. Ainda em Gullar, *“E a luta de resistência / se trava em todo lugar: / por cima dos edifícios / por sobre as águas do mar”*.

Como discutir sobre a fome, a solidão, os sonhos e o futuro, se nos (d)escrevem apenas cenas irreais?

RESPOSTAS

Chegou a hora de obtermos as respostas merecidas pelos tantos esforços de nossa parte: preciso saber o que fizemos de errado para virem contra e sabotarem os nossos pensamentos. Como esses comportamentos perversos e doentes se acham no direito de lapidar os desafios que encaramos diuturnamente. Sentimos e conhecemos o lado escuro e obscuro que nos é imposto, sem contar milhares variações de mitos e mentiras apresentados como forças; só se forem forças destrutivas!

Incrível como temos a necessidade de encontrar respostas, de conhecer a verdade, de ter a liberdade para criticar e apontar as falhas, não como julgamento, mas, para renovar e fugir do presente ilusório. Nas palavras de Mario Benedetti, *“Tem dia que sinto um desinteresse / de mim, de ti, de tudo o que insiste em acreditar-se / e me sinto solidariamente cretino / apto para que em mim vacilem os rancores / e nada me pareça um aceitável presságio”*.

É necessário sermos honestos para construir o presente, valorizar o passado e projetar o futuro. Nesta conexão é que entendemos a força do viver e, assim, continuarmos procurando as respostas, que nelas encontraremos a capacidade de voltar a viver e amar. Ainda em Benedetti, *“... Depois de tudo o segredo é olhar*

para cima / e ver como as nuvens disputam as copas / e ver como os ninhos disputam os pássaros”.

Acredito que encontraremos respostas para tais questões, para que cada geração possa ter a humanidade de maneira consciente, respeitosa e sempre em evolução civilizatória.

REAÇÕES

Reflico sobre as questões da vida em sua diversidade, como processo do pensamento: questionar, reformular, redefinir, reescrever e, enfim, ter posição contrária aos fatos controversos ou, simplesmente, reagir ao revelar as mentiras sobre os atos. Para Hélio Fernandes, *“... o único meio de merecer a liberdade é usá-la. E o único meio de aprender a usar a liberdade é possuí-la”*.

Há reações comportamentais em consenso e, outras, com sensacionalismo, o que me leva a olhar o mesmo ato buscando o caminho confiável como fonte de informação; Max Martins revela, *“... O jornal que noticia desastres / Na branca varanda / Onde o relógio domina...”*.

Desperta a minha curiosidade e fico intrigada quando a verdade não é dita, mas, repetida no cotidiano como desempenho, gerando medo. Costumo dizer que reagir é saudável, concordar ou discordar é crescimento e manter a imparcialidade é complicado, mas, também é desafiador acreditar que podemos expor a nossa opinião sem medo. Isto é liberdade. Como diz Max Martins, *“...tudo é duro e seco e oco, / o sexo enlouquecido / o osso agudo / coberto de pó e de silêncios...”*.

Claro que existem reações de todas as formas e para todos os interesses que, se forem narrativas e informações precisas, podem resgatar o conceito de sua relevância e possibilitarão sua continuidade.

A dúvida é como reagir sem causar ressentimento ao outro. A crítica é para melhorar ou elogiar, como sempre reforço para o ajuste das deficiências.

O importante é o nosso talento, compromisso e caráter, flexíveis ou autônomos, para expor os estilos pelas reações, demonstrando o ponto de vista com liberdade e responsabilidade. Max Martins questiona, “... *Será que encontre / em contraste com a flor / à ponta do punhal / dentro da flor?...*”

RESULTADO

Sempre nos sentimos prontos para chegar ao resultado. Quando não o atingimos ficamos frustrados. Não há problema em descomplicar o processo negativo, pois, somos diferentes no fazer de cada dia, os melhores. Vergílio Alberto Vieira diz que, *“Tivesse o mundo ordem / já sabia a quem direta vida / quanto o mundo então mudou...”*.

As influências nos ajudam a manter o foco para escolher viver felizes ao questionar diariamente o sentido da vida. Como em Rodrigo Petrônio, *“Matéria velha, incandescente, de onde descendemos?”*.

No momento em que convivemos com dramas e incertezas como angústia diária, mexemos com a nossa estrutura alterando a rotina. Conflito que me leva a repensar o significado sobre o direito de se chegar ao resultado. Percebo que para atingir o resultado passamos pela questão de que há uma vida no caminho que desejamos chegar, que se expõe ao risco na missão de alcançar o resultado.

A vida como resultado vale pela diferença feita em nosso viver: as ideias, a troca de experiências e as mudanças, são bem vindas para balancear a rotina. Joyce Moisés acrescenta, *“Há um grande descompasso entre o papel idealizado e aquele que, na prática, conseguimos desempenhar...”*.

Nossos limites e valores devem ser considerados para chegarmos ao resultado. No livro *Não Vos Torne A Noite Escura*, de Vergílio A. Vieira, o autor revela que a consciência desvela nossos interesses nos tons e formas que escolhemos para alcançar o resultado. Como escreve o poeta, *“diz o engano / ao engano viveu sempre / quem d’alma vive / olha sem ver”*.

SEDE

A boca que beijo tem sede de saber.

A boca que diz gracejos anuncia a mentira.

A boca sedenta desafia as palavras no verso e reverso.

A boca do descaso se ajusta pela emoção.

A boca do desgosto avisa da morte como fim.

Para Nietzsche, “... *Sabedoria! / tem-se sede dela e nunca se fica satisfeito, olha-se / através de véus, lança-se a mão a redes...*”.

Tenho sede; o que posso saber do seu pensamento? Você dá importância ao trivial? A sede nos leva a superar a insegurança e acreditar em nós: tomar consciência do nosso valor.

Tantas dúvidas, talvez seja minha culpa, porque continuo com a sede da linguagem indivisível, do som das palavras ao avesso, de argumentar o que sua boca nunca falou e do quanto me engano com o seu discurso, quando conta do nosso tempo como fosse de suas dependências. Vergílio A. Vieira reflete, “... *De quanta poeira se ergue / pelos caminhos...*”.

Arrisco-me com a ideia para me entreter no silêncio. Não insisto no que não tem futuro, embora tenha esperança de que você volte para me falar do grito até então calado. Como diz Vergílio Vieira, “... *quando lentas fragrâncias / Ardem sob a folhagem...*”.

Tenho sede para extravasar as lembranças em que você me soprava dizeres que faziam do frio em minha espinha o delírio para a imaginação. Hora em que meu corpo enfraquecia e a voz emudecia. Ainda em Vergílio, *“Entre a distância / Perverte as naturezas. O que perdido foi...”*.

Hoje tenho sede de conversar com você para por fim aos conflitos e podermos seguir o ritmo diário sem nos estressar e correremos atrás de nossas ambições. Vergílio expressa, *“... Pensa o fogo harmonioso do passado / o que na cinza se escreveu...”*.

Todos têm sede da liberdade de expressão, mas, estamos dispostos a pagar pelo preço?

SEDUÇÃO DO NOME

A sedução do nome é fascínio, desde a sua importância até a significância, que vai além da nossa compreensão. Orídes Fontela escreve que, *“A escolha do nome: eis tudo // O nome inscreve / o novo homem...// sua existência nua / pede o nome. //... A escolha do nome: eis o segredo”*.

O nome tem valor absoluto e profundo, que repousa na raiz do valor humano e na raiz cultural. Encontro no livro *A Palavra do Nome*, de Pedro Du Bois, que *“ao nome cabe a indiferença / da pronúncia e do sentido //... Indiferente o nome circula / suas mazelas entre sucessos / não permitidos e se esconde em pobreza consentidas...”*.

No reconhecimento do nome desvelamos o estilo, desempenho e autenticidade; revelamos o poder da ação na história que, por vezes, se apresenta como quebra-cabeça em jogos de referências e *status*; alcançamos o sucesso para sermos explorados pela criatividade. Em Pedro Du Bois, *“Assim sou chamado: / nome / no receio conduzido ao extremo / transfiguro a palavra em ansiedade / e recomponho o entendimento”*.

Existe um mundo aberto onde podemos recomeçar e reconhecer os nomes com seus valores. Cenário em que surgem apelidos e rótulos, que carregamos ao viver como modelos de ascensão em diversas áreas do conhecimento,

como a reputação e a persistência de quem se propõe a honrar seu nome.

Entre tantos talentos ressalto os exemplos que transfiguraram, repaginaram e transformaram a história, colocando suas ideias e ideais em prática, como: na literatura: Machado de Assis; na música: Chico Buarque e Borghetinho; no cinema: Sylvio Back e Grande Otelo; no teatro: Bibi Ferreira e Paulo Pontes; nas artes plásticas: Cândido Portinari e Ivan Freitas.

Mas, outros nomes nos assustam, quando suas referências são capazes de dar inveja a qualquer romance policial, suficientes para destruir a nossa visão de mundo.

O problema é vivermos envolvidos na corrida contra o tempo, enquanto nossos nomes caem em esquecimento. Quem garante seus retornos em nossas vidas? Quem traria as emoções pela excelência dos nomes?

O professor Rosário Farâni Mansur Guérios, na sua obra *Nomes e Sobrenomes*, destaca o significado dos nomes em suas variedades etimológicas, procura a correspondência entre suas origens e a sedução que os rodeia na realidade.

SEM PÉ, NEM CABEÇA

Expressão a que me refiro para as atitudes sem fundamento, sem razão de ser, como barco sem âncora e jardim sem flores.

Infelizmente, hoje, é o que mais escuto: discursos sem pé, nem cabeça; vomitam palavras de que desconhecem os significados, promessas que não cumprem e não há qualquer preocupação com a gravidade e do peso do que falam. Pior é que em cada momento escuto e nada posso fazer, porque eles não têm *desconfiômetro* (honestidade) e arriscam a nossas vidas com seus discursos vazios. Para Helena Rotta de Camargo, *“Quando a convivência /é uma merda repulsiva / não há diplomacia eficaz”*.

Em desespero, temo pela nossa existência; recolhemos fragmentos dos sentidos ao respirar a fumaça do poder da maldade que resiste em nosso cotidiano.

Tenho medo quando recolhem nossas palavras e cortam nossas vidas; logo questiono, qual o valor do viver se não nos deixam ser, estar, decidir e participar? Júlio Perez retrata, *“Eu /Quem sou eu?/ Posso perguntar? / Responder então...?/ Nem pensar”*.

No compasso dos dias, meu pensamento e minha esperança se esvai em cada golpe sem pé, nem cabeça. Contorço-me em acordes cortante e gritos calados. Embalo a tristeza pelas falsas promessas e mentiras. Vivo os

escombros do mundo vazio e preconceituoso ao procurar contornar os “enganos”. Vago no limite para ouvir vozes e contemplar os dias incompletos, avessos à verdade, à ética e à moral. Esqueço os sonhos e habito paisagens discriminatórias e egoístas. Como demonstra Chico Alves d’ Maria, *“Quantas rugas / quantas cicatrizes / o ego esconde... / Até onde? / Enquanto os espelhos / do umbigo não se quebram, / os olhos de vidro / cegam...”*.

TRANSBORDAR

O poeta Márcio Catunda questiona, “... *Noite de velório sobre o mundo. / Quem pode continuar assim?*”.

Um suspiro, uma pausa para refletir sobre os corredores lotados dos hospitais e funerárias. Nossos corações espedaçados, corpos e mentes confinados. A ansiedade pulsa diária e ostensivamente.

Somos a equipe dos bastidores; apenas assistimos o *balé* nervoso das sombras; não sabemos ao certo o que ainda acontecerá.

A sensação de impotência, tristeza e derrota está nas horas que passam dispensando a vida de mais e mais semelhantes. A preocupação extrapola o quanto somos maltratados pelo vírus, enquanto não podemos, nem devemos ir além da soleira da porta.

Trancados em casa tentamos nos manter alheios ao nervosismo, concentrados apenas no que já aconteceu. A expectativa é grande, as mãos suam e tremem, os olhos lacrimejam e nossas vozes se emocionam no transbordar da epidemia.

Nossa certeza é de que não sentiremos saudades dos dias atuais.

SURPRESA!!

Meu pai aconselhava: *“quando for fazer uma surpresa tenha cuidado para não ser surpreendido”*. A vida passa longe de ser resolvida com simples surpresas. Os fatores são apenas de desejo e disponibilidade, sendo necessárias algumas habilidades para descobrir novos significados, quando se trata da surpresa de refletir sobre o viver. Guilhermino Cesar expressa, *“A linguagem se aviva / com poucas palavras // As precisas”*.

É fundamental entender que a surpresa pode ser para a alegria ou para a decepção. É possível despertar os sentidos quando preparamos a surpresa ou quando somos surpreendidos. Há satisfação em quem busca a redescoberta, porém, há certas surpresas que não nos deixam à vontade e nos levam ao desconforto a preocupações: é diferente o sentido da surpresa do ser surpreendido, o que pode tornar impossível curtir o momento. Como em Guilhermino, *“... se atingirmos o outro lado / (que ficou por mencionar), / a solidão se desfaz...”*.

A ideia de surpreender, atualmente, é impiedosa, porque pode ser encarada como um prato cheio de medos. Em outros tempos, era recebida com naturalidade. Hoje, há compromissos e horários rigorosos para a sobrevivência profissional, sobrepondo-se ao espírito brincalhão nas relações pessoais. Melhor usar a espontaneidade e

adiantar o que acontecerá, maneira para também não sermos surpreendidos.

Entrar em contato com a pessoa e saber da sua disponibilidade para receber uma “surpresa”, em si, passou a ser a surpresa. O bom é termos liberdade para expressar nossa intenção e desejo ou, simplesmente, deixarmos acontecer, para sairmos da rotina e fugirmos do cotidiano em busca de nova e boa energia. Ainda em Guilhermino Cesar, “... *O movimento da vida / é a rede que te embala; / possuída de delírio de viver, / vives. Vivemos...*”.

Vivemos momentos diferenciados, com diferentes perspectivas e expectativas; necessitamos redescobrir como viver a transformação do conceito de surpresa, para aceitar as particularidades e ser mais resiliente nas surpresas.

No entanto, se a iniciativa levar alegria a quem for destinada, será alternativa correta e poderá ser feita sem problema e medo de preconceitos e censuras. Guilhermino retrata, “... *somos um fim que se faz princípio / somos o retrato do nenhum / e de ninguém...*”.

Sei que as tentativas para surpreender alguém são comuns, nem por isso são fáceis de serem organizadas. O primeiro passo é refletir para encontrar o que nos leva a viver a surpresa em sua plenitude. Essa relação entre amigos ainda é possível, para sairmos das sombras e estarmos juntos nos momentos do dia a dia.

Surpresa que acredito ter a ver com reconhecimento sem interesses, para nos aproximar da alegria de viver com leveza. Nas palavras de Guilhermino Cesar, “... *somos no acaso / a nossa máscara da terra*”.

Parece bobagem, surpreender o outro faz diferença, porque é quando nos permitimos dividir algo com alguém, o que naturalmente nos leva à satisfação.

Lembro quando éramos surpreendidos de madrugada com serenatas; pura alegria e encantamento. Então, pergunto: ainda é possível fazer a felicidade de alguém através da surpresa?

TANGÊNCIA

Se ainda nos resta um pouco de amor próprio, por que não respeitamos as diferenças para com o próximo? Por que nos enredamos em teias que não nos levam a ter dignidade? Por que pensamos apenas em juntar dinheiro?

Com estas questões percebo que na vida o centro das atenções é guardar e investir dinheiro, para depois consumir.

Precisamos descartar as desculpas e passar a concentrar na mesma tangente, atingindo o ponto de escolha, para nos relacionar com as pessoas. É necessário avaliar os benefícios em conjunto com os nossos valores, princípios e escapar das teias em que indevidamente nos enredamos.

A melhor ferramenta para viver está na comunicação, com ela podemos conquistar os objetivos e reconhecer a importância de quem está ao nosso lado e em sintonia conosco. Escreveu José Eduardo Degrazia, “... *A vida é essa luz tão fria / que o coração alumia, / desta mão que aperta a tua / o calor que te percorre...*”.

Este é o ponto em que duas tangentes se tocam para reconhecer os esforços e alcançar a realização vivencial; fortalecer os laços para alinhar a vontade e o entendimento em nossos momentos.

Sabemos ser difícil construir sozinho um mundo melhor; quanto precisamos do outro para enfrentar as

palavras de ferro e fogo e superar a tensa vida em que estamos: somos vítimas fatais do Covid-19. Nas palavras de Degrazia, *“Não perguntes sobre a vida / quando a morte se avizinha, / ela foi faca fina / que o teu peito acaricia...”*.

TEMPO DE SEMEADURA

Aproveito o tempo de sementeira com vontade, coragem e uma dose de entusiasmo para ir direto ao ponto e colocar em prática o meu projeto. Segundo Célia Igel Teitelbaum, *“Você esquia nos seus sonhos. / Eu boto os meus pés / Você põe os pés na realidade / Eu, pegadas”*.

Ao expor ideias, digo o que pretendo para que as ideias se concretizem. A chave está em alcançar os objetivos e, para isto acontecer, é necessário eu sair da defensiva, que a emoção à flor da pele demonstra a minha diferença. Célia Igel questiona, *“até que ponto / Desponto / com você / o mesmo horizonte?”*.

Tempo de semear, exponho minhas qualidades e me empenho para colocar cada ideia no seu lugar. Estabeleço o momento certo de plantar e colher. A transformação acontece quando busco o possível para realizar o novo; como em Célia Igel, *“De longe é uma promessa / De perto é um horizonte determinado”*.

A busca por novos horizontes é o caminho para o inédito; não posso perder o tempo certo para a sementeira. Com certeza, ao experimentar o inusitado saio da rotina e me encanto em desvendar o sentido do impacto em minha vida. Célia retrata, *“quando subimos no ônibus / soube que a veria pela primeira e última vez...”*.

VIZINHOS

Prédio novo! É fato que morar em frente ao mar não me traz tranquilidade, nem leveza no viver e, muito menos, me faz ser respeitada. Como diz Agostinho Both, *“o tom afetivo se encolheu como a flor estiolada”*.

Não imaginava existir vizinhança tão agitada. Em determinados horários o barulho é enorme e estranho: parece que a vizinha tem uma força poderosa que explode em ruídos, ecoando tudo em volta, com tal intensidade que nem a luz consegue escapar. Leio em Platão que, *“Procurando o bem para os nossos semelhantes encontramos o nosso”*.

Teoricamente são sons inexplicáveis – de arrastamentos – que parecem efeitos especiais e, até mesmo, alguma dança macabra em que se arrasta e vai perturbando a vizinhança.

Nesse empurra-arrasta, ouvimos o atrito incessante e demorado que impede o nosso sossego, como vizinhos. Como se a vizinha passasse os dias sem entender o que é morar em condomínio – comum a todos – e que o seu direito, no máximo, está debruçado na borda da sua janela. José Degrazia retrata, *“Talvez alguém sinta o homem a esvaivar-se e bata alucinadamente à porta”*.

É necessário refletir sobre os outros quando vivemos em comunidade; para tanto os barulhos não prometem vida pacífica a todos nós.

VIDA PIÃO

Estamos vivendo como pião, rodando até cair; vivendo numa realidade sem empatia a se entranhar naturalmente entre nós. Sofremos o déficit desta realidade na insegurança por não sabermos rodopiar sem cair. Estamos sem respostas!!

São tantas as (des)informações sobre a pandemia e o confinamento, que estão causando grandes confusões. Encontro com Ernesto Pedro Zanette, *“Não tenho assistido noticiário de TV... quem não vê fica desinformado, quem vê fica mal informado.”*.

Da maneira como conduzidos, somos os piões que caem sem proteção, por vivermos com contraditórias notícias sobre a pandemia.

Temos o direito de saber das medidas governamentais e as precauções sobre os infectados, bem como o número correto de internações e mortes. Nossa perspectiva precisa das metas diárias, que nos auxiliam a suportar o confinamento.

Nossa vida é regulada pelos hábitos; por isso, usamos a força de vontade para suportar a situação e não rodopiar até cair e morrer.

Nosso ponto de equilíbrio sofre com a ausência de controle por conta dos governantes: enquanto nos esforçamos para rodar, as autoridades rodam por caminhos obscuros, interesseiros e indistintos ao tentar

transformar a crise, um dos períodos mais difíceis do país, em lucro privado. É inaceitável não se preocuparem apenas com a ação do perigoso vírus que nos leva à morte.

Então, buscamos dentro de nós a assertividade e o bom senso para encarar a situação e amenizar o confinamento e a sobrecarga das notícias ruins. O poder nos vê como problema, enquanto apenas buscamos soluções para retornar ao nosso bem estar.

VIRA-TEMPO

Enquanto o Covid19 não se exaure, a sensação de medo permanece em cada dia de confinamento. O desafio é descobrir o que fazer no tempo disponível. Em Luciano Maia encontro que, “... *Estava o tempo atravessando outrora / nos travejos / nas traves / nas tramelas /a das casas... // redescobrimo as veredas do passado...*”.

Antes da pandemia o tempo era breve para os nossos desejos. Agora, temos tempo para descobrir o que fazer para o nosso bem estar. Por exemplo, meu amigo teve tempo para redescobrir a sua biblioteca e encontrou um livro que havia comprado há dezessete anos; agora, disse ele, chegou a hora de ler aquela obra de Gabriel Garcia Márquez. O bom é que livro não tem idade para ser lido com o mesmo prazer. Nas palavras de Virgílio Maia, “*guardava crudelíssimos segredos / escondidos no sótão da memória*”.

Outros estão tendo a alegria de almoçar com suas famílias, aproveitando o carinho, até mesmo, na criação de novas receitas visando tornar especiais as refeições.

No vira-tempo procuro filmes na televisão, trabalho na produção de textos e altero os dias, como processo de libertação. Ao *re-virar* o tempo vario as atividades de acordo com meus desejos, para refletir sobre os acontecimentos com suas gravidades, e que tudo sirva de propósito como o livro que estou lendo: *Os Quatro*

Elementos, em que cada escritor assinou doze sonetos: Francisco Carvalho, Jorge Tufic, Luciano Maia e Virgílio Maia; suas metáforas refletem à situação atual, como Jorge Tufic expressa, “*Nesta rua de alegres lembranças / mastigamos as sobras do mistério / que se agrava no chão, fértil de enganos...*”.

VERDADE

Quem compreende a importância da verdade não se cala que a ética *“fala”* mais alto. Em José Degrazia encontro que *“Marca passo quem entenda a verdade e não se cala”*.

Degrazia tem visão convergente, pois, para ele aquele que não se cala poderá ser prejudicado pelo poder, pela ditadura, mesmo que use seu conhecimento em tal atitude.

Fica claro que dizer a verdade ou dar opinião poderá nos colocar contra os poderosos – donos da (in)verdade, o que nos faria desabar ante os interesses; quem diz a verdade – se é que existe única e imutável – poderá desaparecer como passe de mágica.

Quero dizer que descumprir a lei é para quem manda; protestar é para quem está sendo prejudicado. Mas, não somos feitos de violência e, sim, da angústia por não termos liberdade para intervirmos na busca da verdade.

A vida e a ética permanecem na memória, nas lembranças e no espanto cotidiano por não poderem construir e usufruir da verdade.

Será que podemos questionar e construir, ou apenas escutar sobre a morte que torna a verdade injustificável? Degrazia questiona, *“Em que estação noturna / encontrarei a vida?”*.

Obras da Autora

Crônicas

Amantes nas Entrelinhas
O Exercício das Vozes
Autópsia do Invisível
Comércio de Ilusões
O Eco dos Objetos – Cabides da Memória
Arte em Movimento
Vidas Desamarradas
Entrelaços
Eles em Diferentes Dias
A Linguagem da Diferença
Na Sombra dos Sentidos
Anunciada Forma

Microcontos

Espaços em Branco



Catálogo do Projeto Passo Fundo

www.projetopassofundo.com.br

IMPRESSO NO BRASIL

PROCESSO DIGITAL

A realização desta edição deu-se em Curitiba-PR, em setembro de 2020



TANIA DU BOIS, residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Articulista e cronista; textos em diversos portais, sites e blogs literários. Organizadora e revisora de textos; capista de livros. Participante do Projeto Passo Fundo (RS).

